

SOBRE EROS E PSIQUE DE FERNANDO PESSOA

NOEMI ELISA ADERALDO

Eros e Psique, poema do *Cancioneiro* de Fernando Pessoa, tem sido incluído, com razão, no ciclo iniciático ou esotérico do poeta, por autores que abordaram esse aspecto ainda insuficientemente estudado da obra pessoana. Entretanto, apesar da extraordinária importância temático-estrutural do poema, que leva um Kujawski¹ a declará-lo "um dos mais belos de todas as línguas", não mereceu ainda uma exegese à altura do seu sublime e profundo simbolismo.²

O nosso intuito é, aqui, tão-somente, apesar das alusões que, inevitavelmente, mais adiante se farão a tal simbolismo, o de situar-lhe, com brevidade, a origem e inspiração no âmbito da tradição temática a que efetivamente pertence, trazendo um subsídio porventura valioso para ulteriores aprofundamentos.

Já o título sugere e o poema (transcrito mais adiante) confirma, nos seus trinta e cinco versos de sete sílabas agrupados em sete estrofes, tratar-se de uma versão intensamente lírica e sobremodo original e concisa, do antigo mito grego de Psique.

Eros (ou Amor, na sua forma latina) é filho de Afrodite (ou Vênus romana), e Psique uma donzela, personagens comumente conhecidos através de várias representações esculturais de duas figuras aladas que se abraçam, alguns de cujos originais remontam ao século IV a.C. Entretanto, só encontramos o mito cabalmente relatado, pela primeira e única vez, em forma literária, no célebre romance do escritor latino Apuleio, do século

- 1 KUJAWSKI, Gilberto de Mello. *Fernando Pessoa, o Outro*. São Paulo, Cons. Est. Cult., Comissão de Literatura, 1967, p. 80.
- 2 Georg Rudolf Lind, p. ex., que aborda o assunto sob o título *A Iniciação do Poeta e o Caminho Alquímico*, cap. VI, p. 253-300, do seu livro *Teoria Poética de Fernando Pessoa* (Porto, Ed. Inova, 1970), sequer menciona "Eros e Psique" nas 50 páginas do referido capítulo.

II d. C., mais conhecido sob o título *O Asno de Ouro*.³ A narrativa mítica ocupa parte dos livros IV e VI, e o livro V inteiro, repetindo-se, sob a forma de ação dramática, no livro final da obra, o qual relata a iniciação do protagonista (não dos protagonistas, note-se bem, pois são, no fundo, um só, como bem o mostra o poema de Pessoa) nos mistérios de Ísis, divindade egípcia maior, gêmea da Deméter grega, ambas encarnações culturais da mesma Magna Mater mediterrânica.

Acuradíssimo estudo hermenêutico sobre e a partir do Mito de Psique, intitulado *O Mito de Psique e a Simbólica da Luz*, é feito pelo insigne helenista português radicado no Brasil, Eudoro de Sousa, fazendo-o preceder de um inexcelável resumo da narrativa mítica de Apuleio.⁴ A este resumo, ou, na falta, a um bom dicionário de mitologia ou congêneres, poderá recorrer o interessado na trama magnificamente urdida.

De sob esta, entretanto, e por trás das situações, peripécias e sofrimentos de Psique, tendo em Eros o seu pólo de referência, depreende a melhor exegese simbólica, o que poderíamos, esquematicamente, resumir como o confronto entre dois planos distintos de existência, um divino e outro titânico, um superior e outro inferior, e o duplo trânsito antitético de um a outro, representado pela queda original e pela ascensão subsequente, através de ingentes trabalhos.

Já desde Apuleio apresenta o mito um cariz neoplatônico, atravessando com ele a Idade Média latina, para florescer, na Renascença, como tema alegorizante de reflexão filosófico-religiosa, e inspirar, na cultura europeia posterior, escritores e poetas, artistas plásticos e músicos.

Por outro lado, provenientes do mesmo arquétipo mítico e pertencentes, por conseguinte, a um mesmo círculo de representações, encontramos as lendas e estórias, outrora largamente difundidas e que povoam ainda o imaginário coletivo, do tipo *A Bela Adormecida*, *A Bela e a Fera*, *O Dragão e a Donzela*, emergências populares do mesmo substrato mítico migrando culturalmente no espaço e no tempo:

*Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada...*

3 Conhecido, igualmente, sob os títulos *Lúcio* e *Metamorfozes*, foi, há alguns anos, publicado pela Editora Cultrix, de S. Paulo, na coleção "Clássicos Cultrix", em tradução nacional.

4 SOUSA, Eudoro de. *Dionísio em Creta e outros ensaios*. São Paulo, Livr. Duas Cidades, 1973, p. 213-244.

Em termos eruditos, porém, e consumando a história cultural do mito, da sua tradição exegética resultam três interpretações, aliás, convergentes, complementares, solidárias entre si, como perspectivas descortinando para um mesmo objeto, que assimila em si, também, o tema do amor e da morte. Segundo a primeira, o mito narra a *história da alma*; de acordo com a segunda, se refere à *teoria do conhecimento*, num sentido soteriológico, familiar aos neoplatônicos e gnósticos; para a terceira, representa o *ritual dos mistérios*, em que à morte, ou a uma catábese, segue-se a ressurreição, o renascimento.

Tal é, brevemente retraçado, o fundo do qual surge e sobre o qual se destaca o poema de Fernando Pessoa, poema que opera, ademais, em si mesmo, através da sua própria realização intrínseca, num milagre de síntese, a alquímica conjunção e unidade dos contrários,⁵ tematizada, nos dois últimos versos, pela fusão entre o Infante e a Princesa.

Releiamos o poema:

*Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.*

*Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

*A Princesa adormecida,
Se espera, dormindo espera.
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a frente esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.*

*Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.*

5 Cf., a respeito, Jung, Ch. G. *Psicologia y Alquimia*. Buenos Aires, Santiago Rueda Edit., 1957.

*Mas cada um cumpre o Destino —
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino
Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.*

*E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora.*

*E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.*

Como bem se vê, Fernando Pessoa inverte as situações em jogo no mito, transformando Psique no Infante e Eros na Princesa.

A reconfortante plenitude de sentido da existência, transmitida pelo poema inteiro, e o teor beatífico desse final em que se consuma o longo périplo da alma em busca do seu divino Centro, são momentos raros na poesia ortônima do *Cancioneiro*, todo ele brumosamente perpassado da nostálgica reminiscência de uma existência anterior, e do sentimento de exílio num mundo de sombras.

Para o poema inteiro, especialmente para os dois versos finais

*E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia...*

podemos apontar, como antitética premissa, entre outros, os dois seguintes versos iniciais de outro poema do *Cancioneiro*, escrito pouco antes:

*Neste mundo em que esquecemos
Somos sombras de quem somos... 6*

Eros e Psique é ainda a história da Alma, que só através da iniciação, e depois de provada nos combates, reencontra o Caminho da Verdade que conduz à Vida:

6 PESSOA, Fernando. *Obra Poética*. Rio de Janeiro, Ed. Aguilar, 2. ed., 1965, p. 178.

*Ele tinha que, tentado
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.*

O poema representa também o drama do conhecimento, desde a superfície das coisas...:

*... E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso... ,*

até a sua profundidade. Igualmente implicado na iniciação e no ritual dos mistérios, tal drama do conhecimento deve culminar no cumprimento do imperativo "Conhece-te a ti mesmo!" Mas este cumprimento só é realmente possível mediante a transmutação do eu titânico, terreno, ilusório, no verdadeiro eu, no eu divino que preexiste em nós, só aparentemente adormecido para a nossa consciência, só aparentemente à espera de que o acordemos; porque, de fato, ao encontrá-lo após tê-lo buscado, nós é que despertamos nele, do sono da nossa consciência anterior —

*... E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia*

—, esfumando-se o sonho que éramos:

E, inda tonto do que houvera...

E o sonho que éramos — o Infante e toda a sua busca — era o sonho da Princesa, o que dá a diferença entre os dois graus de realidade...

Em outras palavras, o que, dentro de nós, por nós mesmos espera, como "a Princesa adormecida", é o nosso verdadeiro Eu, o qual devemos realizar (pelo caminho certo, depois de tê-lo buscado, "sem tino / pelo processo divino / que faz existir a estrada"), o Si central, o "Selbst" junguiano representado nas mandalas orientais, "centro da vida psíquica total, princípio de unificação dos contrários, do exterior e do interior, do positivo e do negativo, do racional e do irracional".⁷ O nosso verdadeiro

⁷ KUJAWSKI, cf. obra citada, p. 84.

despertar é o despertar da consciência dele em nós, o despertar no seu nível de consciência.

Aqui, entretanto, mais adentrados do que fora nosso intuito, nos detemos nos umbrais dessa vertiginosa, inapreensível e inesgotável ambigüidade de movimentos, de perspectivas, de dimensões, de intenções e de sentidos, que penetra e paira em cada verso e no poema como um todo, aureolando-o com mistério igual ao que a sua epígrafe vela e revela:

"... E assim vêdes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade." (Do Ritual do Grau de Mestre do Átrio na Ordem Templária de Portugal).